

Primado da existência e do sentido: tensão entre os papéis do mundo e da consciência na ontologia fenomenológica de Sartre

Thana Mara de Souza

Data: 21/11/2016

Quando *O ser e o nada* foi publicado, em 1943, muitos o leram como uma filosofia abstrata e solipsista (Merleau-Ponty e Marcuse foram grandes exemplos dessa leitura), que se centrava no subjetivismo compreendido como liberdade absoluta, e portanto, ahistórica. No entanto, se nos atentarmos para a Introdução, podemos ver que a proposta sartriana é justamente contrária a essa leitura, dado que coloca, desde o início, a existência prévia do Em-si em relação à consciência (que sendo intencionalidade, exige de antemão, para existir, a coisa de que é consciente).

É nesse sentido que Moullie, Coorebyter e Giovannangeli apontam para um realismo ontológico em Sartre, ou como diz o primeiro, um “neorrealismo”. Mas, se é verdade que há o movimento de aproximação com o realismo ontológico, há também a manutenção da primazia do sentido do Para-si, de forma que o Em-si, embora exista antes do Para-si, só passa a ser algo a partir do momento em que este o desvela.

Assim, Sartre propõe, no Ensaio de Ontologia Fenomenológica, uma filosofia que se equilibra entre um indeterminismo total e um determinismo mecânico, que se tensiona entre o primado da existência do Em-si e o primado do sentido do Para-si, sempre o considerando juntos e nunca de forma isolada ou mesmo hierárquica.